

Artigo de atualização | Update

Salutogênese: a religião espiritual do ser humano

Salutogenesis: the spiritual reconnection of the human being

Sergio Ariel Grines¹

¹Médico antroposófico e homeopata
Endereço para correspondência: De la
Vidalita 50, C.P. 1713, Villa Udaondo,
Ituzaingó, Provincia de Buenos Aires,
Argentina. Endereço eletrônico:
sergio.grines@salutogenesis.com.ar

Palavras-chave: Salutogênese;
antroposofia; espiritualidade;
sabedoria bíblica.

Key words: Salutogenesis;
anthroposophy; spirituality; biblical
wisdom.

RESUMO

O autor propõe um possível papel salutogênico para o médico, como divulgador de conhecimentos arquetípicos. Realiza, com este fim, uma análise fenomenológica da primeira célula de cada ser humano, representante de uma unidade primordial, para agregar em seguida um estudo processual de uma palavra-chave da Bíblia original hebraica. Constrói, finalmente, a ponte entre célula e verbo criador, manifestação da ligação espiritual do homem e ponto de partida para formas fraternas de vínculos no social.

ABSTRACT

The author proposes a possible salutogenic role for the physician, as a spreader of archetypal knowledge. For this, he performs a phenomenological analysis of the first cell of every human being, representative of a primordial unity, then he adds a procedural study of a key word from the original Hebrew Bible. Finally he builds the bridge between cell and Creator Word, manifestation of spiritual bond of the human being and starting point for fraternal forms of social ties.

Em 1805, quase duzentos anos antes de Aaron Antonovsky propor o neologismo 'salutogênese' e convidar à reflexão sobre a necessidade da mudança de paradigma na visão da medicina dominante (patogenética), Samuel Hahnemann, médico criador da homeopatia, escreveu a seguinte frase no artigo *Esculápio na balança*:¹

Oh, homem! Quão nobre é a tua origem, quão grande o teu destino e quão elevado o objeto de tua vida! Não estás destinado a aproximar-te por meio de sensações que assegurem tua felicidade, de ações que exaltem tua dignidade, de conhecimentos que abarquem o Universo, ao Grande Espírito que adoram todos os habitantes de todos os sistemas solares?

Como um reflexo do motor espiritual que impulsionava a busca de um sistema médico que transcendesse a atuação médica mecanicista que se impunha, esta frase é um convite a ter no horizonte um ideal do processo de desenvolvimento humano, que, desde a visão da trimembração proposta pela antroposofia, podemos analisar e ordenar dinamicamente (Figura 1).

Propusemos aqui um modelo que, em artigos anteriores denominamos "dinamismo salutogênico".^{2,3} Neste modelo encontramos, de maneira viva, as três fases nas quais se resume a ligação do ser humano com sua origem (a partir do pensar), com o sentido de sua existência (a partir do sentir), e com seu destino (a partir da vontade). Hahnemann apela, nesta frase, ao desenvolvimento das qualidades da alma

como o "meio para aproximar-se ao Grande Espírito que adoram todos os habitantes de todos os sistemas solares".

Em épocas antigas, a profissão de médico e de sacerdote era, muitas vezes, exercida pela mesma pessoa, pelo que saúde e espiritualidade não eram âmbitos dissociados. Nas curas deviam intervir forças provenientes do mundo espiritual, seja como ação externa ou como desenvolvimento próprio da pessoa. Essa não é a realidade atual, como tampouco era na época de Hahnemann.

Duas questões surgem aqui: a primeira delas é se existe um possível papel para o médico atual na transmissão de "conhecimentos que abracem o Universo" e a segunda é se a dita tarefa tem importância desde o ponto de vista da salutogênese.

Refletiremos acerca destas questões, revisando distintas citações de Rudolf Steiner. Em relação à primeira questão, proponho que vejamos esta frase do ciclo de conferências agrupadas sob o nome de *Centros de mistérios na Idade Média*:⁴

E aconteceu que os que foram aos poucos agrupados pelos verdadeiros rosacruzistas numa irmandade maior surgiam aqui e ali pelo mundo, sempre como desconhecidos, e exerciam a profissão de médico, curavam doentes, aproveitando então a oportunidade para divulgar conhecimentos. Foi assim que muitos desses conhecimentos foram divulgados naquela época. [...] Como já foi dito, era um princípio fundamental sair para o mundo exercendo em geral a atividade de médico e, enquanto médicos, divulgando conhecimentos nos círculos distantes onde se encontrassem.

Oh, homem!		
Quão nobre é tua origem	Quão elevado o objeto de tua vida	Quão grande é o teu destino
Passado	Presente	Futuro
Pensamento	Sentimento	Vontade
Conhecimentos que abraçam o Universo	Sensações que asseguram tua felicidade	Ações que exaltam tua dignidade
		

Figura 1. O dinamismo salutogênico.

Nesta bela descrição encontramos dois aspectos da profissão de médico: o de ajudar enfermos e o de divulgar conhecimentos. Quanto à relação destes conhecimentos com a salutogênese, encontramos na primeira conferência do ciclo denominado *A fisiologia oculta*, de estudo fundamental para o médico antroposófico, o seguinte:⁵

[...] já a observação do apelo “conhece-te a ti mesmo”, transmitido através de todos os tempos e dirigido ao homem pelas alturas místico-ocultas, nos mostra que o autoconhecimento, o verdadeiro e real autoconhecimento é muito difícil. E isso não só com relação ao autoconhecimento pessoal e individual, mas principalmente ao conhecimento da entidade humana. [...] Frente a esse tema é necessário venerar a essência humana, isto é, não a essência de cada homem – principalmente quando essa pessoa singular somos nós –, mas a essência do homem em geral. [...] Como podemos cultivar a verdadeira veneração diante disso? Em primeiro lugar, deixando de ver a pessoa – é indiferente tratar-se de nós mesmos ou de outrem – como ela se nos apresenta no dia-a-dia e elevando-nos à seguinte concepção: a pessoa, com toda a sua evolução, não está aí por sua própria causa, mas para revelar o espírito, todo o mundo divino-espiritual; ela é uma revelação da divindade cósmica, do Espírito Universal. E quem conhece tudo o que nos cerca é uma expressão das forças divino-espirituais também pode sentir essa veneração não apenas em relação ao próprio divino-espiritual, mas também diante da manifestação desse divino-espiritual. [...] Só quando pudermos dar sentido às palavras “tornar-se uma imagem do Espírito Universal” e reconhecermos o dever de conhecer, somente então poderemos ter o sentimento de veneração, aqui previamente exigido, em relação à essência do homem.

Duas qualidades são destacadas nesta frase: ‘conhecimento’ e ‘sentimento de veneração’. Vejamos o que Steiner menciona na conferência proferida em 14 de janeiro de 1917:⁶

O conhecimento é o assunto mais sério da vida humana. E aquele que conhece essas coisas relativas à natureza humana e tem um pouco de vontade de tomá-las num sentido não egoísta, porém de pensá-las e senti-las objetivamente, essa pessoa tem no conhecimento simultaneamente um importante momento da cura. [...] Quanto mais se está na situação de se prescindir de si próprio e de se entender o geral do mundo, o geral humano, mais se tem no conhecimento um remédio.

Finalmente, quanto ao sentimento de veneração, lemos na 5ª Conferência sobre euritmia terapêutica:⁷

Quando o sentimento de veneração é habitual na pessoa, seu efeito sobre o organismo é tal que este se torna, de fato, mais resistente, mais estável. O organismo adquire maior resistência. Pessoas que realmente possuem a disposição para a veneração apresentam um organismo mais resistente.

Resumiríamos, então, uma possível missão salutogênica do médico antroposófico (estudioso da fisiologia e da fisiologia oculta; da ciência natural e da ciência espiritual; do homem e do Universo): transmitir aquelas leis ontológicas a partir das quais se tornam viventes os arquétipos universais que, com imensa sabedoria, guiam o acontecer genésico, formativo, estrutural e fisiológico do ser humano, em consonância com a natureza e o Cosmo.

Se estes conhecimentos, que são reflexo de um acontecer que vive em nossas células, tornam-se acessíveis ao ser humano, pode despertar nele o sentido de veneração, necessário para que as profundas forças espirituais, plenas de calor transformador, manifestem-se em ações que enalteçam sua dignidade.

O objetivo do presente trabalho de investigação é convidar ao conhecimento de nossa célula primordial, a primeira de cada ser humano, para em seguida realizar um estudo exaustivo de um aspecto da Bíblia, reflexo dos mencionados arquétipos espirituais. Propomos que esta leitura tenha um papel salutogênico.

A CÉLULA PRIMORDIAL

O óvulo fecundado, a célula ovo ou zigoto, resultante da união de espermatozoide e óvulo no corpo feminino, porta a totalidade da informação para a constituição de um novo organismo. De forma esférica, consequência do encontro de forças expansivas, centrífugas, citoplasmáticas, provenientes do gameta feminino; e de forças centrípetas, concentradoras, doadoras de forma, nucleares, provenientes do espermatozoide – esta célula primordial contém em sua placa equatorial o fuso mitótico, um ‘fio’ que permite a fusão harmônica da informação proveniente do pró-núcleo feminino e do pró-núcleo masculino.⁸ Nos instantes prévios, e, ainda, no imediato do encontro, ambos os gametas renunciam, em sucessivas meioses, à metade da informação genética, realizam deslocamentos, intercâmbios, quiasmas; descartam resíduos desnecessários, corrigem erros, reorganizam o material. Ao caos peri-fecundativo se segue uma nova ordem, sincrônica, coordenada, perfeita. O citoplasma se encontra vital, respira, está purificado, reinicia o metabolismo. A célula primordial ainda não se dividiu. É uma unidade que possui, de forma potencial, a totalidade do necessário para a constituição de um organismo, cujas características serão únicas em toda a história da humanidade, passada, presente e futura. Um pequeno espaço, limitado, circunscrito, contém o ‘um’ e o ‘todo’.

Logo virão as divisões, segmentações tridimensionais, que formarão novas células ‘para dentro’, para ir conquistando espaços interiores e exteriores: mórula, blástula, gástrula, nêurula. Mas tarde ainda se desenvolverão os folhetos germinativos, os sistemas. A seguir os tecidos, e depois as células especializadas, em sua matriz. Em todo este processo, mesmo a menor célula com uma função específica, conserva a informação da célula primordial, a do organismo como um todo, a da unidade original. Cada célula cumpre sua tarefa, sem perder a referência, que a guia como bússola: “tu formas parte da totalidade da qual provéns, pertences a um organismo, o primeiro é o todo, a unidade, a origem”.

MICROSCÓPICO E MACROSCÓPICO

Podemos aumentar o poder da lente do microscópio, penetrando com nosso olhar em âmbitos cada vez menores. Atravessamos cromossomos, cromátides e ingressamos na estrutura helicoidal do DNA, na ligação das bases nitrogenadas, nos genes. A genética é definida pelo dicionário como “a parte da biologia que estuda a herança e o relacionado com ela”.⁹ A genética parte de uma concepção que vai da parte ao todo. Cada gene é analisado separadamente. O organismo é interpretado como soma de funções, cada uma das quais se encontra codificadas em genes separados.

O todo – os sistemas de forças sincronizadoras e organizadoras das partes para que respondam à unidade primordial –, não se acha com o microscópio, pois não se encontra no âmbito da matéria. Central e perifericamente a governam, respondendo a leis do arquétipo. Os genes não são causa, são expressão material de leis suprassensíveis. Nestas leis, tal como vimos na célula primordial, o todo é antes das partes.

CÓDIGO GENÉTICO E CÓDIGO GENÉSICO

Em artigos prévios descrevi o ponto de partida de meu estudo: o Gênesis bíblico, e o restante dos livros do Antigo e Novo Testamento, no idioma hebreu.^{2,3} Parto da hipótese de que ali jazem estas leis arquetípicas revinculantes, testemunho escrito das forças criadoras. Tento aproximar-me ao dito texto, qual músico ao observar uma partitura: clave, compasso, notas, silêncios, figuras, tempo, ligaduras, células rítmicas, morfologia da obra, caráter etc. Tudo o que o autor da obra deixou plasmado ali, deve ser respeitado, para ser fiel a ele e assim expressar o conteúdo musical. Necessitamos realizar um minucioso estudo para poder executar a obra musical, que nos revelará o espírito de seu criador. O que vemos nesse código escrito na partitura é resultado da precipitação de um fenômeno que alguma vez foi vivo processo criador, e que hoje jaz morto no papel. De maneira similar, para ressuscitar e recriar a palavra que está na Bíblia, devemos investigar sua morfologia, seus componentes, seu significado gramático e numérico, sua qualidade fonética, sua origem hieroglífica.

Ali começará a reviver o que se encontra oculto: o espírito, a essência arquetípica da criação. Assim, na Bíblia, a palavra resguarda, no encontro das letras, o mistério das ditas leis. Vivificar estes arquétipos é aproximar-se, como queria Steiner, ao “homem: sinfonia da palavra criadora”.¹⁰

A SABEDORIA OCULTA EM UMA PALAVRA

Para Steiner, “toda palavra da Bíblia está preenchida por uma importância transcendental, e somente aquela pessoa que sabe apreciar cada palavra individual em seu valor real, está capacitada a compreender a Bíblia”.¹¹

Se iniciarmos, palavra por palavra, a leitura do Gênesis bíblico,¹² encontrar-nos-emos logo depois de começado este trabalho com o seguinte: a quarta palavra foi omitida na maior parte das traduções. A explicação é totalmente lógica, pois esta palavra só cumpre uma função gramatical no hebreu bíblico, sendo prescindível na grande maioria dos idiomas (Figura 2).

HASHAMAIM	ET	ELOHÍM	BARÁ	BERESHIT
os céus	Elohim	criou	No princípio

← (Lê-se da direita para a esquerda)

Figura 2. Gênesis 1:1.

Esta quarta palavra (que se pronuncia *et*) utiliza-se quando, com respeito a algo, deseja-se incluir todas as características desse algo, todas suas posições, possibilidades, potências.¹³ É uma preposição (‘para’, ‘com’, ‘junto a’, ‘perto de’) que modifica os substantivos (a substância), conduzindo ao significado essencial do dito substantivo.¹⁴

Poderíamos ensaiar uma tradução, como na Figura 3.

HASHAMAIM	ET	ELOHÍM	BARÁ	BERESHIT
os céus	“a essência de”	Elohim	criou	No princípio

← (Lê-se da direita para a esquerda)

Figura 3. Proposta de tradução.

Porém a escolha desta palavra (*et*), como objeto de estudo, não se deve só a esta função gramatical, mas também às letras que a formam. É uma palavra de duas letras, a primeira é *alef* (א) e a última é *tav* (ט). Ambas as letras são, respectivamente, a primeira e a última do alfabeto hebreu. A importância destas duas letras é tal que poderíamos parar a leitura do Gênesis ali, e nos encontraríamos com a seguinte afirmação: “No princípio criou Elohim *alef* (א): *tav* (ט)” (Figura 4), e reconhecendo que elas são princípio e fim, incluiríamos tudo o que acontece entre uma e a outra e leríamos: “No princípio criou Elohim desde *alef* (א) até *tav* (ט)”, com o qual descobriríamos que, ainda antes de criar céu e terra, a Divindade criou a totalidade das letras e suas infinitas combinações: o verbo criador.

ALEF:TAV	ELOHÍM	BARÁ	BERESHIT
ALEF:TAV א : ט	Elohim	criou	No princípio
← (Lê-se da direita para a esquerda)			

Figura 4. O verbo em Gênesis 1:1.

De acordo com o mesmo número do versículo que estudamos no Gênesis [1:1], porém esta vez no Evangelho de São João, encontramos a mesma palavra (Figura 5).¹⁵

E se detivermos nossa leitura na dita palavra, encontraremos o que explica a Figura 6.

ALEF:TAV	HAIÁ	VEHADABAR	HADABAR	HAIÁ	BERESHIT
ALEF:TAV א : ט	era	e o verbo	o verbo	era	No princípio
← (Lê-se da direita para a esquerda)					

Figura 6. O verbo em João 1:1.

“No princípio era o verbo e o verbo era desde a *alef* (א) até a *tav* (ט)” – o mesmo número do versículo que o que lemos no Gênesis, o mesmo conceito, revitalizado. Estamos frente a um mistério, que seguramente será um convite a seu aprofundamento, quando lemos no Livro do Apocalipse [1:8], o versículo que em grego se expressa como “eu sou o *alfa* e o *ômega*”,¹⁵ porém em hebreu lemos “eu sou *alef* e *tav*” (Figura 7).

יוחנן						
א בראשית היה, הדבר, והדבר היה אתהאלהים						
HA-ELOHÍM	ET	HAIÁ	VEHADABAR	HADABAR	HAIÁ	BERESHIT
o Elohim	...	era	e o verbo	o verbo	era	No princípio
← (Lê-se da direita para a esquerda)						
Aplicando as mesmas regras que utilizamos anteriormente, podemos ler:						
o Elohim	“a essência de”	era	e o verbo	o verbo	era	No princípio
← (Lê-se da direita para a esquerda)						

Figura 5. São João 1:1.



Abundante literatura desenvolveu interpretações sobre o significado deste parágrafo do Apocalipse. Muitas delas se amontoam em nosso pensar neste momento. Porém voltemos ao exemplo do músico lendo a partitura. Tentemos ser fieis às letras, às palavras e no idioma no qual, seguramente, foi pronunciado. Estudemos os arquétipos *alef* e *tav*, isoladamente, para depois de conhecê-los em profundidade, observar o que acontece processualmente no encontro de ambas as letras.

Alef, primeira letra do alfabeto hebreu, representa o uno indivisível, a origem, o princípio criador, estabilizador e conservador de tudo o que existe. Esta letra, em sua forma escrita, surge como consequência de um hieróglifo egípcio, que representava a cabeça de um boi chifrudo, ou seja, com suas antenas recebendo informação do céu.¹⁶ Mais tarde se horizontalizará para dar a *alfa* grega, e depois completará seu giro de 180° para dar a letra 'A' latina. *Alef* (א) bíblica decide ficar com suas antenas erguidas para o céu, pois representa a conexão com o divino, com o princípio universal, com o abstrato que determina algo, com o infinito, acercando-nos à sabedoria do primeiro dia da criação, em que a Divindade separa luz de trevas, saindo da incognoscibilidade e fazendo-se luz através do verbo. Geometricamente, esta unidade está representada através do ponto. *Alef*, portanto, é vínculo entre a periferia (origem, infinito) e o ponto (centro).

Se nos perguntarmos como se pronuncia a letra *alef*, a resposta nos escapa, pois estamos frente a uma letra muda, seu som depende da pontuação vocálica que a acompanha: a, e, i, o, u. Estes sinais vocálicos permitem a pronuncia, enquanto *alef* (silenciosa) fica não modificada. *Alef* é o instante que não se pode prender, prévio à emissão do som. "Abre a boca", dizem os sábios antigos, "acabas de pronunciar *alef*". É a transição entre silêncio e som, o impulso para a emissão da voz; suave, aérea, luminosa, secreta e misteriosa; tal como o texto de Bahir (antigo texto cabalista do século XII) o proclama: "*Alef* foi antes de todas as coisas".¹⁷

Elohim se inicia com *alef*, também Adão (*Adám*) e Terra (*Adamá*). Eu (*ani*), tu (*at-atá*), pai (*ab*), mãe (*em*), são iniciadas pela mesma letra, como amor (*ahabá*). Verdadeira

representante do divino é também o início da palavra hebreia que tem atravessado os tempos, sustentando-se como manifestação de fé no encerramento das orações das liturgias hebreias e cristãs: *amém*.

Tav (ת) era caracterizada desde tempos remotos, como uma cruz em X, e simbolizava a separação de uma unidade fundamental. Mais tarde, a cruz se endireitou (século VII a.C.) porém seguiu sendo uma cruz, até o *tau* grego, e até nosso 'T'.¹⁶ O hebreu adota um sinal aramaico (ת), o qual é considerado "o sinal dos sinais", pois seu significado é precisamente marca, signo, símbolo, caráter, hieróglifo. Os egípcios a consagraram a Tahoth, medidor e enumerador da terra, senhor dos textos sagrados, escriba dos deuses, a quem se atribui a invenção dos números e da escrita, dos gravados e hieróglifos.¹² A capacidade humana de simbolizar, de criar sinais, de unir significante e significado, está representada por esta letra. São Francisco de Assis professava uma verdadeira devoção por este sinal (*tau* grega). Com a *tau* firmava cuidadosamente suas cartas, marcava as paredes das celas, bendizia, sanava feridas e curava enfermidades.

Tav (ת), como símbolo, é capaz de reunir o previamente separado. Assim como a cruz é indício de separação de uma unidade primordial, o mesmo sinal permite religar essência e imagem, arquétipo e coisa. Sendo a última letra do alfabeto hebreu, encontra-se diretamente relacionada com o fim da obra da criação, manifestada e abençoada no sétimo dia. *Bereshit* (primeira palavra da Bíblia, expressão da criação), termina com *tav*. *Shabat* (dia de repouso e de apropriação do que foi criado), também termina com essa letra, assim como *Malchut* ('o reino', ou melhor, os reinos da natureza, perceptíveis pelos sentidos). *Tav* traz em si o poder da forma, do físico-terrenal, da morte na matéria, assim como da ressurreição. Crucificação, morte e ressurreição, penetração nas profundezas da matéria, e ressurgimento até a reunificação.

Rudolf Steiner menciona como antecessor da cruz o símbolo egípcio do *Tao*, remontando sua origem como som primordial à antiga Atlântida:

O som que soava por toda parte na Atlântida, fazendo eco nos corações humanos em horas de silêncio e recolhimento, seria estabelecido mais tarde, no Egito, como sinal do *Tao*. Esta é também a forma primordial da cruz.¹⁸

Desde o fonético, esta letra se classifica como fonema terreste de oclusão e explosão, rompendo a forma, pulverizando a matéria, concretizando a necessária destruição que, nas profundidades do metabolismo humano deve acontecer para assimilar as substâncias do mundo extracorpóreo.¹⁸ *Tav* chega até o interior da corporalidade física, destrói ali a matéria, para libertar o espírito que mora no interior das envolturas físicas. Sua força pulverizadora (representada também na mitologia nórdica pelo martelo de Thor) e destruidora do físico material permite que a essência espiritual se manifeste. Diz Baur:¹⁸

No 'T' todo o círculo de consoantes se acumula em uma formação singular. 'T' soa como um final maiúsculo, poderoso, paternal, que introduz o eu humano na existência terrestre, e também torna a separá-lo dessa existência.

ALEF (א) E TAV (ת) COMO PROCESSO VIVO

Poderíamos, com pensamento imaginativo, seguir o percurso da *alef* como aquele que surge desde a periferia (o incognoscível, o infinito) e chega até o ponto, e o da *tav* como aquele que ressurgue desde o centro, em sentido expansivo, até a periferia. Steiner disse que "ao proferir-se o som que aí se pode comparar ao nosso 'T', nasce uma imagem de vigor radiante, que parte de um centro até todas as direções de espaço, e que se estende até o infinito".¹⁹

Um perfeito equilíbrio centro-periferia se estabelece entre ambas as letras. *Alef* provém do silêncio primordial, chegando até o mistério do ponto. O 'não tempo', a eternidade, a união com o todo. *Tav* nos aproxima da força capaz de vencer a forma morta: aplicamos *tav* quando trituramos homeopaticamente, quando realizamos uma sucussão. Em cada batida cardíaca ressoa *tav*, na colisão do sangue com as válvulas, dinamizando-o e evitando assim que ele seja pego pelas forças da gravidade. O impulso sonoro de *tav* o resgata, elevando-o ao nível do vivente.

Alef e *tav* vão e vêm do centro à periferia e da periferia ao centro, de espírito à matéria e da matéria ao espírito, do silêncio ao som e do som ao silêncio, do infinito ao finito e do finito ao infinito.

Em nossa palavra em estudo, ambas as letras se encontram unidas. Podemos nos perguntar agora: o que ocorre no encontro entre ambos os arquétipos (Figuras 8 e 9)?

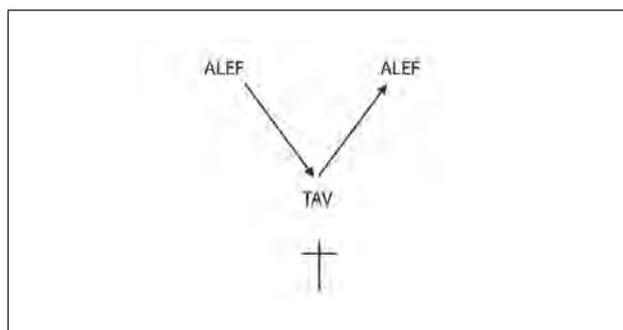


Figura 8: Alef-tav-alef.

FASE 1: DE ALEF ATÉ TAV: DO ESPÍRITO À MATÉRIA

Nós nos encontramos com o universo do verbo, de *alef* até *tav*, desde a origem dos tempos, em seu processo de materialização, até a encarnação terrestre. *Alef*, como princípio abstrato, sem perder sua essência, une-se com o "sinal dos sinais", com a máxima manifestação do simbólico, daquilo

que sendo matéria revincula com uma origem. O laço indissolúvel entre essência e imagem, arquétipo e substância, fica plasmado neste encontro. Nós nos aproximamos do verbo criador através do pensar.

FASE 2: EQUILÍBRIO ALEF:TAV

Estamos no ponto de encontro entre a coordenada vertical (ligação espírito-matéria) e a coordenada horizontal da cruz (a ligação com nossos semelhantes, com a humanidade, com o mundo ao nosso redor). A gramática nos revela que a união destas letras pronunciadas como 'et', cumpre sua função como preposição vinculante: 'a', 'com', 'junto a', 'perto de' e pronunciada como 'at', é o pronome pessoal, segunda pessoa do singular: 'tu'. Nós nos vinculamos horizontalmente através do sentir.

FASE 3: DE TAV ATÉ ALEF: DA MATÉRIA AO ESPÍRITO

O caminho de *tav* até *alef* ainda está no início. É o caminho da reunificação do ser humano com o todo. O que nos mostra processualmente este caminho? A força ressuscitadora de *tav* reinicia um movimento calórico das profundidades da substância para transformá-la, dinamizá-la, espiritualizá-la, humanizá-la, e percorrer assim o caminho até *alef*: corrente do futuro.

Onde se encontra resguardado esse impulso? O encontro destas duas letras, *tav* e *alef*, forma uma raiz gramatical (pronunciada como 'tá'), cujo significado é "pequeno recinto, delimitado, circunscrito, definido; quarto fechado onde está a cama nupcial; cela monástica".¹⁴ Somos remetidos a um espaço, o menor possível, onde se produz um acontecer vivo. Não nos surpreenderá que seja essa precisamente a palavra que represente a célula (do latim, *cellula*, diminutivo de *cella*, cela),²⁰ como unidade morfológica e funcional da vida, denominada assim em 1665 por Robert Hooke, pela semelhança com as células do favo de mel da colmeia.

É de todas e de cada uma de nossas células (*tá*) que ressurgue o impulso da vontade. Cada uma das células é mobilizada das profundidades do organismo, pela força da ressurreição.

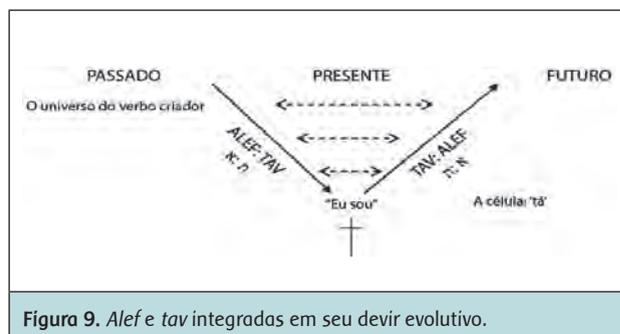


Figura 9. Alef e tav integradas em seu devir evolutivo.

O Universo criado *alef:tav* plasmou a forma, trazendo consigo os arquétipos espirituais. Possuidoras desta informação, as células *tav:alef* reiniciam o caminho até o espírito, em transformações permanentes, mobilizando caloricamente o metabolismo, ativando microtúbulos e citoesqueletos. Entre um e outro caminho, o ritmo do vivente, entre mortes e ressurreições, sons e silêncios, é um acontecer eterno. Do céu a terra e da terra ao céu se faz presente seu palpitar e respirar, em um sussurro: "eu sou".

UMA PROPOSTA SALUTOGÊNICA: MEDITAÇÃO PERIFERIA-PONTO

Em seu ciclo de conferências proferidas entre 4 e 11 de agosto de 1908, em Stuttgart (Alemanha), denominado *Terra, Universo e homem*, disse Rudolf Steiner:²¹

Nos tempos antigos havia, nesta elevação para o mundo espiritual, um princípio de saúde; seria bom que os homens pudessem compreender de novo esta verdade; então eles conheceriam a grande missão da antroposofia. Esta missão é a de guiar o homem para os mundos espirituais a fim de que possa contemplar as esferas de onde descendeu. [...] No porvir [...] a posse da sabedoria e a contemplação dos mundos superiores, darão de novo à natureza humana saúde e harmonia.

Temos estudado, com intenção salutogênica, nossa própria origem, aproximando-nos da célula arquetípica, em cujo seio se encontra potencialmente tudo aquilo necessário para a constituição de um novo organismo humano. Através da língua hebraica, temos nos aproximado das duas letras, manifestação na periferia do Universo do verbo criador, e expressão, no centro, da unidade morfológica e funcional da vida. *Alef* e *tav* embaixadoras do "eu sou", informando às correntes centrípetas e centrífugas, a partir das quais o "pequeno, delimitado e circunscrito recinto" se torna vida. Nossa meditação periferia-ponto poderia representar-se como está na Figura 10.

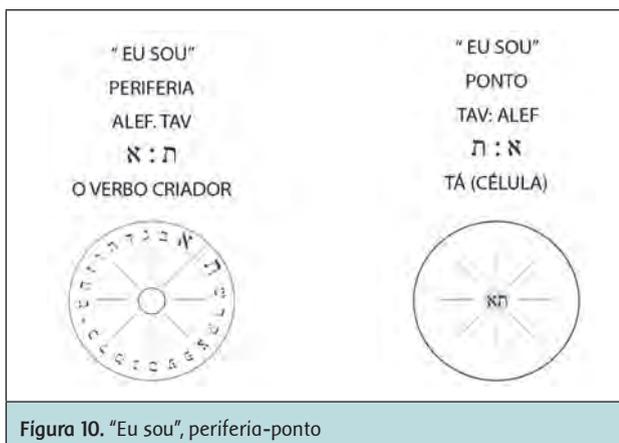


Figura 10. "Eu sou", periferia-ponto

CONCLUSÃO

A partir da primeira mitose, na primeira divisão celular, perdemos de vista a unidade original. Nossas células seguem o caminho da especialização, adquirindo cada uma sua própria morfologia e função específicas. Sem dúvida, todas e cada uma delas, conservam a informação do organismo como um todo. Os tecidos formados se encontram funcionalmente divididos em órgãos que trabalham para o todo. Assim, por exemplo, as células hepáticas organizadas em tecido, permitem que o sistema nervoso e o muscular tenham a energia necessária no momento preciso. As células do sangue nos oxigenam, defendem-nos, cicatrizam feridas. As células da pele morrem e renascem permanentemente criando limite e proteção em nossa corporalidade. E assim poderíamos seguir indefinidamente, observando como cada célula especializada trabalha fraternalmente para o todo orgânico.

Na sociedade em geral, e na medicina em particular, o processo de especialização tem sido a realidade dos últimos tempos. Temos nos dividido, perdendo de vista nosso pertencer a um organismo. Nós nos desligamos de nossa origem, de nosso destino, do objeto de nossa vida. As consequências estão à vista. É possível reconstruir, mesmo a partir de nossa especialização, novos tecidos, novos órgãos, que fraternalmente permitam religar-nos? O estudo de *alef* e *tav* nos dá uma possível resposta, na formação das preposições 'para', 'com', 'próximo a', 'junto a', ou no pronome da segunda pessoa do singular 'tu'.

Também encontraremos em cada célula a dita resposta. A etimologia do termo 'fuso mitótico' a tem, sendo 'fuso' um "objeto que se utiliza para fiar" e provindo a palavra 'mitose' do grego *mitos*, tecido, e *osis*, formação. Somos convidados a formar novos fusos mitóticos! Encontramo-nos no consultório, com um paciente, frente a frente, num pequeno recinto, tentando construir algo novo, um novo enlace, um fuso mitótico salutogênico. Saímos do estreito âmbito do consultório e nos vinculamos, em todas as áreas, culturais, econômicas, pedagógicas, terapêuticas, artísticas etc., com outros seres humanos, cada qual a partir de sua especialidade. Criamos ou nos integramos em tecidos sociais, fornecendo, cada um, seu particular e colorido fio necessário para construir a trama. A urdidura, o tear, é o todo. Novos organismos, novas instituições, novas comunidades, nas quais fraternalmente as partes não percam de vista o todo. Esta é a religação.

No último ciclo de conferências mencionado, finalizando o mesmo, adiciona Steiner:²¹

Não se trata de comunicar ao mundo as verdades teóricas, senão de fortalecer nosso ser para a ação. [...] O porvir deve tomar raízes no passado. A vontade

do porvir deve responder ao conhecimento do passado. Porém este conhecimento não terá valor se não se transforma em impulsos do futuro. Tudo isso que temos contemplado é necessário não somente para despertar nosso querer e nosso entusiasmo, mas também nossa alegria de viver e nossa certeza moral.

Declaração de conflito de interesses

Nada a declarar.

Referências bibliográficas

- Hahnemann S. Esculapio en la balanza. Homeopatía (Buenos Aires). 1999; 64(2):101-16.
- Grines SA. Do Gênese à salutogênese. Arte Méd Ampl. 2010; 30(1): 21-6.
- Grines SA. Pode a Bíblia ser lida como um tratado de salutogênese? Arte Méd Ampl. 2013; 33(1): 24-30.
- Steiner R. Centros de mistérios na Idade Média. São Paulo: João de Barro; 2006.
- Steiner R. A fisiologia oculta. 3ª ed. São Paulo: Antroposófica; 2003.
- Steiner R. Considerações históricas. GA 174 [apostilado]. São Paulo: Associação Brasileira de Medicina Antroposófica; 2001.
- Steiner R. Euritmia terapêutica. São Paulo: Antroposófica; 2012.
- Rohen JW. Morphologie des menschlichen Organismus. Stuttgart: Verlag Freies Geistesleben; 2000.
- Diccionario enciclopédico abreviado. Tomo IV. Madrid: Espasa-Calpe; 1977.
- Steiner R. El hombre, sinfonía de la palabra creadora. Buenos Aires: Kier; 1998.
- Steiner R. El Apocalipsis. Significado de las revelaciones de San Juan. Buenos Aires: Antroposófica; 1994.
- Torat Emet. Buenos Aires: Keter Tora; 2008.
- Weinreb F. Kabbala La Bíblia, divino proyecto del mundo. Buenos Aires: Sigal; 1991.
- D'Olivet F. La lengua hebraica restituída. Barcelona: Humanitas; 2007.
- Hebrew-Spanish Bible. Nuevo pacto hebreo-español. Bungay, Suffolk. Great Britain: The Society for Distributing Hebrew Scriptures; 1990.
- Souzenelle A. La letra camino de vida. Buenos Aires: Kier; 2003.
- Sepher Há Bahir (Libro de la Claridad) [livro na Internet]. [citado 2014 Dez 10]. Disponível em: <<https://cosmogono.files.wordpress.com/2008/06/sefer-ha-bahir.doc>>
- Baur A. O sentido da palavra: No princípio era o verbo. São Paulo: Antroposófica; 1992.
- Steiner R. Génesis, los secretos del relato bíblico de la creación. Buenos Aires: Kier; 1998.
- Cohen-Fernandez A. Nuevo diccionario hebreo-español. Buenos Aires: Sigal; 1978.
- Steiner R. Tierra, Universo, hombre. Buenos Aires: Antroposófica; 1995.

Avaliação: Editor e dois membros do conselho editorial
 Recebido em 18/11/2014
 Aceito em 11/01/2015